

Limites e deslimites do prazer

Ricardo Daehn

Com as relações humanas em primeiro plano, em filmes como *Pendular* (2017) e delimitações de opressão e liberdade vistas em longas como *Operações de garantia da lei e da ordem* (2017), a diretora Julia Murat zela por um cinema político. Ao lado de artistas engajados como Rodrigo Bolzan, Babu Santana, Georgette Fadel e Sol Miranda, ela constrói *Regra 34* que especula sobre a permissividade do prazer dentro dos esperados comportamentos sociais. Na esfera de Simone (Sol Miranda,

AMINA NOGUEIRA/DIVULGAÇÃO



Filme brasileiro *Regra 34*, dirigido por Julia Murat

vencedora do prêmio de atriz no Festival IberoAmericano de Huelva, Espanha), como estudante de direito vocacionada para a ação como defensora pública, muito diz respeito ao sexo: ela tira não apenas dinheiro

nas sessões de sexo on-line que protagoniza, mas traz o histórico de prevenir feminicídios e demais agressões. Transgressão de modelos sociais dão o tom do filme que, com o roteiro criado com auxílio de atores,

venceu prêmios como os de melhor direção, no segmento Premiere, do Festival do Rio, e ainda o prêmio central, o Leopardo de Ouro, no festival de Roterdã (Suíça). Confira entrevista com Julia Murat.

Três perguntas // Julia Murat

Como crê que seja possível politizar o sexo, como dito numa fala de personagem do longa?

Quando Simone responde à amiga “sinto muito se o meu tesão não é político o suficiente para você” ela está expondo como nossa sociedade regula nossos corpos através de mecanismos que aparentemente não são mecanismos de controle (é o que o Foucault vai chamar de biopoder — uma regulação das pessoas através de um poder disciplinador).

Sexo é política porque ele está absolutamente vinculado a esse mecanismo disciplinador de nossa sociedade. É justamente por causa do potencial que o sexo tem de desestruturação (de romper mecanismos de disciplina) que ele se torna

tão importante para os mecanismos de controle. É por seu potencial de ruptura que se controla tanto a sexualidade — que se inventa tantas noções distintas do que é ou não apropriado de se fazer.

A simplicidade no roteiro de a protagonista ser exposta, publicamente, na trama, foi algo vetado, debatido pelo grupo da fita?

Sim. Muito. Tanto do ponto de vista estético (como construir as imagens e quais referências estéticas usaríamos) como do ponto de vista de produção (como realizaríamos o filme para permitir que os atores chegassem nos limites que chegaram sem gerar traumas). No sentido estético Gabriel Bortolini, diretor assistente, realizou uma grande

Vitrine Filmes/Divulgação



pesquisa de filmes que possuíam cenas de sexo e junto com Leo Bittencourt, fotógrafo, estudamos esses filmes. Definimos o que achávamos interessante, quais as imagens de referência, mas principalmente definimos quais imagens não queríamos reproduzir. Em algum sentido, a estética do filme foi construída por exclusão:

não queríamos fazer uma imagem nem pornográfica, nem romântica, nem erótica.

O uso excessivo e corrente de expressões como sociedade patriarcal é algo que banaliza ou desgasta discussões, ou, ao contrário?

Tenho certeza que para alguns banaliza e para outros amplifica. Mas espero que para a maioria ajude a contextualizar os assuntos tratados no filme. Ao fazer o filme, eu entendi como sexo é político. Como sexo é regulado por diversos mecanismos de controle, alguns diretos, mas muitos maquiados por ações aparentemente afetuosas. Fazendo o filme entendi como nossa sociedade (patriarcal, racista, etc) está inserida em nossos laços afetivos.